

## CONCEITO DO TRABALHO, CONSTRUÇÃO DO CONCEITO E TRABALHO DO CONCEITO

Norberto J. Etges  
UFSC

### 1. A ótica formal e o moralismo progressista

Os grandes impasses teóricos do marxismo provém da leitura positivista feita por seus seguidores. A experiência leninista deve seu fracasso à concepção pragmática e instrumentalista de busca do poder total. Porém, a causa da implosão da experiência dita socialista — a mentira do século — não está na obra de Marx, como se pretende. De maneira semelhante, os impasses nas teorizações sobre a educação e a queda em propostas meramente envernizadas de esquerdismo mas prenhes de liberalismo, e a incapacidade de realmente apresentar propostas objetivamente novas não se pode atribuir à obra de Marx, mas à sua redução ao que é conhecido e velho. A incapacidade de catapultar a educação e os indivíduos para a frente e o gosto pelo gerenciamento da miséria deve ser buscada na redução do estudo de Marx à concepção e à pragmática liberal, para dizer o mínimo, dado que a redução se resolve numa pragmática, cega e sectária, de busca de poder e de autoproclamados tribunais do mundo.

Este problema se repete, de maneira trágica, na análise do trabalho, que acabou na construção de repúblicas de trabalhadores, produção por excelência do capital. O trabalho nunca é captado segundo a “razão negativa ou dialética” que “mostra a transição de uma determinação do ser para sua oposta”<sup>1</sup>. Depois de confirmar a desqualificação e os terríveis males provocados pela divisão do trabalho, Arroyo tenta, por um verdadeiro contorcionismo teórico enxergar

uma positividade ao menos no trabalho moderno<sup>2</sup>, enquanto Nosella o deixa como está para se voltar ao trabalho de realizar “a gigantesca obra da revolução”<sup>3</sup>, a transformação das relações sociais. O trabalho sob o capital é uma questão “negativa”, sobretudo por seu caráter moral. Ou se deve fazer a revolução, suprimindo todas as outras esferas não-político-partidárias como sendo per se irrelevantes, ou então, tentar ver além dos “aspectos deformadores do trabalho moderno, que são reais, ”... a positividade contraditória, educativa, formadora que vem do trabalho moderno e “assumir com todas as conseqüências o trabalho como princípio educativo”<sup>4</sup>.

Sem deixar de reconhecer as diferenças marcantes entre os dois autores em seu esforço por entender o real, muito mais forte é o elemento comum de sua concepção: a incapacidade de elevar-se à “razão negativa ou dialética”. Ambos analisam o trabalho em sua forma imediata, “concreta”, forma sempre dada, positiva, seja sob aparência escrava, servil, capitalista manufatureira, industrial ou “moderna”. Como tais formas elas são “negativas” ou positivas, isto é, boas ou más do ponto de vista moral. O que não é nada dialético, nada tem a ver com a dialética, tão professada, mas se constitui em mais uma vitória de Proudhon, que se esmerava em analisar o lado bom e o lado mau do capitalismo. Mas, o que é a razão negativa?

## 2. Pressuposição e posição

A razão negativa ou dialética é a que segue a passagem de um elemento para sua condição de reflexão, de determinado, de predicado, quando ainda recebe tais determinações, ou, mais propriamente, é aquela que põe as determinações de um ser a partir de si mesmo como de seu fundamento. Em outros termos, é aquela que segue exatamente a trajetória das determinações de um ser para o seu oposto. E isso como um momento no percurso, quer de sua gênese, quer de seu desenvolvimento imanente, de sua plena realização e de sua superação.

Trata-se das leis e dos processos da natureza e da história dos homens. É o movimento das pressuposições e das posições, que se dá em dois níveis. No primeiro nível, as pré-condições, ao porem ou “produzirem” um novo ser, são negadas, pois o novo ser se diferencia qualitativamente delas. Embora resultado, não é “causado ou produzido” por elas, mas é princípio e fundamento de si mesmo. (O coelho não é causado pela couve, mas transforma a couve em si mesmo). Negam-se, ab-rogam-se, destroem-se as primeiras determinações e surge o seu oposto. Um “condicionado” se torna um incondicionado:

princípio e fundamento de si. Este é o processo do *devenir*: passagem de ser a ser através do nada.

Mas existe também o processo de desenvolvimento de um ser. Inicialmente indeterminado, vazio, aberto, infinito, ele vai pondo suas determinações. Sai de si, de seu infinito, ab-rogando esta sua determinidade de ser indeterminado — o óvulo, a semente, o DNA, — assumindo formas bem determinadas, específicas, finitas.

Neste processo realiza exatamente o seu ser ou seu conteúdo, ao se pôr em inúmeras formas, que são sua história. Movimentos de crescimento, maturação e decadência. Já no *devenir* temos os processos de morte e nascimento, ou, mais simplesmente, de desaparecimento e de aparecimento ou surgimento. O trabalho, como veremos, percorre os dois níveis do movimento no percurso de sua realização histórica, desde o trabalho simples à máquina automática, de um lado, e, do outro, ao se transformar, saltando para o nível do conceito e se desenvolver até o conhecimento pleno posto na tecnologia. Esta, por sua vez, ainda tem de se harmonizar, ou melhor, adequar à sua natureza, que é a de se adequar às forças objetivas da natureza e aos carecimentos subjetivos e objetivos do homem. Sendo uma extensão do homem, a tecnologia participa dos princípios da vida, da inteligência e da razão dialética do mesmo: tem de ser primeiro congruente consigo mesma para poder ser congruente com o mundo circundante. Por isto, formas inadequadas ou incongruentes de tecnologia necessariamente morrem, tal como o ser vivo que não é congruente consigo mesmo. Em última análise, sua congruência se origina do trabalho, pelo qual é determinada, e com o qual forma uma unidade, aliás, multiplicitamente diversificada.

### **3. O conceito do trabalho.**

Para compreendermos o trabalho em toda sua extensão, desde seu conteúdo básico — ou simples, na expressão de Hegel e de Marx —, até sua negação e a negação de sua negação, ou seja, até suas mais diversas formas históricas, é necessário descermos a seu fundamento e surpreendê-lo em sua simplicidade. O conceito simples do trabalho é aquele elaborado por Hegel e por Marx. Cada um o elaborou a seu modo e com suas palavras, porém, mantendo o mesmo conteúdo essencial: “trabalho é o processo de mediação de carecimentos particulares com meios também particulares, que especifica, com vista a estes fins múltiplos e pelos mais diversos processos, o material fornecido pela natureza”<sup>5</sup>. Ou “é o processo de objetivação do homem pelo qual entra em intercâmbio com a natureza, que ele molda de

acordo com os fins, que ele tem em vista, para atender os mais diversos carecimentos”<sup>6</sup>.

Não obstante sua simplicidade, o conceito simples do trabalho contém diversos elementos a considerar, à semelhança da simplicidade fundamental de uma semente, de uma célula de DNA ou de um gene. Primeiro, o trabalho é um processo de exteriorização e objetivação do homem no mundo, pelo qual ele assume o mundo e a finitude que este lhe opõe à sua vontade infinita. Nos *Grundrisse II* Marx critica violentamente aqueles que reduzem todo processo de objetivação a um processo de alienação, como o fazem os pensadores burgueses<sup>7</sup>. Segundo, não se trata aqui da concepção de um modelo artesanal, mas de um conceito universal e genérico, nada empírico, mas lógico, de considerar o trabalho. Terceiro, é uma operação realizada pelo homem que determina um conjunto complexo de operações, tanto internas e externas ao homem. Quarto, pelo trabalho o homem transforma o mundo dado, adequando-o à sua própria forma de ser. Quinto, pelo trabalho, o homem é negado na sua forma indeterminada e natural de ser, é transformado, tanto internamente em suas estruturas interiores, criando novas estruturas de ação, como externamente em sua relação com o mundo, quer seja o mundo dado, como o mundo segunda-natureza por ele mesmo criada. Sexto, no trabalho não apenas as carências individuais ou os processos de ação puramente individuais tem vez, mas os outros comparecem, ou como um velho necessitado, incapaz de atuar, uma criança ainda tenra, companheiros de produção, ou pessoas ou grupos inteiramente desconhecidos, quer estejam próximos, quer estejam afastados em algum ponto qualquer do planeta e até no espaço exterior: o trabalho socializa objetivamente os homens. Sétimo, o trabalho é um termo médio de um silogismo: de um lado a natureza, e, de outro, as carências, que chegam pelos sentidos ou pela razão à consciência. Neste sentido, o trabalho é, não só a figura por excelência do silogismo, mas o próprio silogismo prático em operação. Digamos que antecipa o silogismo do entendimento formal e da razão especulativa. Oitavo, pelo trabalho, o homem chega à plena consciência de si como razão. Hegel explica demoradamente este processo, ao descrever a consciência dividida entre o desejo absoluto do senhor e a efetivação do desejo feita pelo escravo.

O desejo é a potência de destruição da alteridade do mundo, que ele quer consumir igualando-o a si. O escravo, “como consciência de si em geral, comporta-se negativamente em relação à coisa e a suprime; mas a coisa é, ao mesmo tempo, independente para ele, não pode, pelo seu ato de negar, vencer a coisa e destruí-la; o escravo, pois a

transforma somente pelo seu trabalho" <sup>8</sup>. Assim, o homem pode fruir da coisa como senhor. Nono, além da fruição do mundo, o homem chega à consciência de si plena, mediante a consciência ou desejo recalcado (a do escravo e do trabalho).

Mas uma longa caminhada se interpõe entre a primeira consciência e a consciência plenamente realizada: deve enfrentar a angústia diante da integralidade de si mesmo, o medo da morte. Tem que pôr-se absolutamente em jogo, tremer diante de sua essência determinada, questioná-la de frente em seu vazio, para chegar à liberdade. Estes são alguns aspectos fundamentais do conceito mais simples do trabalho. Hegel analisou alguns com a precisão que lhe é peculiar, enquanto Marx acentuou praticamente os mesmos sem nada lhes acrescentar, sendo que nem chegou a apontar outros, por não serem objeto de pesquisa seu no momento em que analisava o capital.

Podemos descobrir ainda muitos outros, mas o que é mais importante reter é que todos fazem parte do conceito simples, perfazendo uma unidade na diversidade. Trata-se ainda de um conteúdo "praticamente" indiferenciado, tal como o de uma molécula de DNA, quando comparada com o ser vivo em que se desenvolveu no decorrer do tempo. Também não iremos tratar essas outras propriedades aqui, a fim de podermos hoje centrar nossa atenção no trabalho historicamente posto, que nos atinge mais de perto, e que hoje sinaliza mais uma fundamental ruptura histórica: o não-trabalho ou o trabalho intelectual plenamente realizado no interior e no exterior do homem. Trata-se de uma forma histórica fundamental, que nega todas as formas mais "naturais" de trabalho, e que se tornou, por sua vez, um elemento determinante de todas as formas posteriores de trabalho, até o nosso tempo. Este é o trabalho humano abstrato, um elemento universal produzido pelo homem, que, no entanto, escapa às simples representações do senso comum.

#### **4. Trabalho humano abstrato: abstração material ou universal concreto e singular.**

Pela longa análise da mercadoria feita por Marx, os múltiplos e os mais diferentes trabalhos de produtores independentes passam por uma ruptura radical, transformando-se em trabalho humano abstrato. Entre outras condições necessárias para a ocorrência desta mutação fundamental, a condição da propriedade privada dos produtores independentes é a condição necessária e suficiente para a gênese do trabalho abstrato. Mas ele só aparece como tal por ocasião da troca dos produtos destes produtores sob a forma de valor, e só ganha

existência ao se exprimir como dinheiro. De resultado que é, ele é também imediatamente um incondicionado, passando a determinar todos os tipos de trabalho existente entre os homens. Em Hegel vemos que “o sistema de carecimentos” interverte os inúmeros trabalhos concretos em trabalho abstrato, que por sua vez, causa a especificação dos meios...<sup>9</sup>, isto, é processos de exclusões e seleções dos meios e “das carências”... Na leitura mais comum e vulgar de Marx o trabalho abstrato é confundido com o mero dispêndio físico do trabalhador, e esta confusão impede a real compreensão de toda a obra de Marx, sem nem falar na de Hegel.

Em primeiro lugar não se trata de uma abstração mental, de uma mera generalidade intelectual. Trata-se uma realidade objetiva, como afirma o próprio Hegel: “Mas o que há de universal e de objetivo no trabalho reside na *abstração*, que causa a especificação dos meios e das carências...”<sup>10</sup>. Embora, como diz Marx, o trabalho abstrato não contenha “nenhum átomo de matéria”<sup>11</sup>, ele encerra a mesma objetividade impalpável que todos os trabalhos particulares e os determina, pois eles passam a ser expressões dele<sup>12</sup>. Trata-se, não de uma generalização, mas de uma redução de todos os trabalhos a uma terceira coisa: “coisa social, substância social” comum, que “vale, aqui, por força de trabalho única”<sup>13</sup>, como a redução na geometria da área dos polígonos em triângulos e estes a uma figura inteiramente diversa — a metade do produto da base pela altura<sup>14</sup>. Em outro texto, Marx reforça a idéia desta redução: “A redução de todas as mercadorias a tempo de trabalho não é uma abstração maior nem menos real que a redução a ar de todos os corpos orgânicos”<sup>15</sup>.

Aprofundemos agora um pouco mais o que seja esta substância social.

##### 5. Substância social

Lançando mão da forma sucinta e exata de Hegel, diremos que

“ é a unidade última da essência e do ser; é o ser do ser inteiro; não é nem o imediato não-refletido, nem menos ainda qualquer coisa abstrata se mantendo atrás da existência e do fenômeno, mas a a própria efetividade imediata, como ser refletido absoluto em si, como o *subsistir* sendo em e para si. Entendida como unidade do ser e da reflexão, a — substância é essencialmente o *aparecer e o ser-posto* de ambos”<sup>16</sup>.

Tomemos por exemplo a árvore: é a unidade do ser (da semente) e do tronco, ramos, folhas, flores e frutos (sua reflexão), como ser refletido absoluto em si, posto no esplendor de sua existência e efetividade. Não se queira apodar este texto de crítico ou misterioso do qual se deve fugir; antes devemos pensá-lo como uma fórmula matemática cerrada que deve ser enfrentada nos seus próprios méritos. A substância social aqui é a vida dos homens concretos, que já passou por diversas transformações. É uma nova estrutura de ações, e, conseqüentemente, de novas relações, sociais e materiais.

Estrutura nova e única de ações e operações, um único trabalho universal, mundial, de quem agora os trabalhos individuais são expressão determinada. Comparemo-la com a vida, de que é uma expressão fundamental. A vida é uma realidade universal, concreta. Ela aparece e determina cada ser vivo. Ela não se constitui numa existência separada dos indivíduos, como se pairasse acima deles. Ela faz a unidade de todas as formas de vida, as quais determina na sua infinita variedade: ela é a unidade desta diversidade. Voltemos ao conceito de substância: a substância vida é o ser do ser inteiro, é a própria efetividade da vida, refletida imediatamente em todos os indivíduos vivos; é a própria unidade posta da vida e dos indivíduos vivos, nos quais aparece. Assim é a substância social, trabalho humano abstrato: é uma estrutura superior de ações e operações, única, singular, mas universal, pois que se põe e que põe todas as formas de trabalho humano, aparecendo cada vez mais como aquela unidade refletida em si e para si. Isto é, como realidade posta, efetivada e efetivando-se, autônoma, e capaz de tornar os homens independentes das constrações imediatas da natureza dada.

Conseqüentemente ela sobressume as formas de relações sociais precedentes, elevando-as ao nível da universalidade, de modo a torná-las "empiricamente universais", independente da vontade ou das intenções imediatas dos indivíduos. Sobressume as relações puramente pessoais e a dependência personalista entre os homens. Destrói estas relações e conserva seus elementos num outro nível para sempre diferente e superior.

A vontade e o desejo imediato, como vimos, foram negados, mas aparecem no resultado resplendente das estruturas de ações, cuja lógica eleva os homens à universalidade de que falamos. Este resultado é fruto ou resultado das vontades individuais e coletivas dos homens. São suas lutas *postas imediatamente* esta construção de mundos e aí *aparecendo em total identidade* com eles. As vontades dos homens desde sempre operaram frente ao mundo e aos outros, chegando aqui a uma unidade do seu ser imediato (vazio) e de suas

objetivações (reflexos ou negações = essência). Substância: o ser do ser inteiro, que agora *aparece* como *ser-posto*, isto é, como síntese de toda a vida dos homens, como obra sua e ao mesmo tempo como seu determinante e fundamento, ou seja, como novo princípio de ação autodeterminante de si mesmo e dos homens.

Na substância trabalho abstrato está, pois, o ser do ser inteiro, sem nenhum resto, sem algo que se esconde atrás do trabalho abstrato. A substância trabalho abstrato é como uma síntese (tal como a vida), que se objetiva no valor. Este, por sua vez, manifesta-se no dinheiro, o nexus social por excelência dos homens<sup>17</sup>. Sabemos como a forma mercadoria, posta no dinheiro, como equivalente universal de todas as mercadorias e de todos os trabalhos age como determinante da vida dos homens e de suas relações. Porém, é preciso distinguir entre o simples ser-aí de seu primeiro aparecimento e seus desenvolvimentos ulteriores. Assim é preciso distinguir entre o valor — já com todas as suas determinações — em seu momento inicial e sua potência limitada em sociedades ainda pouco mercantilizadas. O valor está lá, mas como que em germe, sem a força determinante generalizada e universal sobre a vida dos homens, podendo até ser abafado por formas mais atrasadas de relações sociais. Entretanto, o novo ser tende a se desenvolver plenamente a partir de sua própria imanência. Assim, a substância posta do trabalho abstrato, como coisa real, não pára no seu simples ser-aí. Desenvolve-se até se transformar em capital/sujeito. O que representa uma transformação imensa, radical, pois agora se torna determinante efetivo de todas as relações dos homens.

Tomando-o como ele é, uma coisa, um universal, concreto singular, uma nova estrutura superior de ações e operações sobre o mundo, deve ser pensado como um gênero supremo, ao lado e acima das espécies e dos indivíduos singulares, tal como pensamos Deus, ser universal e singular concreto ao lado de todos os entes. Ou ainda, mais facilmente, tal como devemos pensar em nós mesmos a realidade da inteligência, o pensamento, gênero supremo em ação, mas nunca mera abstração mental, ao lado dos pensamentos ou conceitos individuais, que ela põe. Tomando-o, pois, o trabalho humano abstrato como gênero real, concreto, singular, compreenderemos como todos os trabalhos individuais são simples expressão deste universal concreto. Tentando exprimir isto, ainda que um tanto canhestramente, Marx diz:

“Esta redução aparece como uma abstração, mas é uma abstração que se faz diariamente no processo da produção social. A redução de todas as mercadorias a

tempo de trabalho não é uma abstração maior nem menos real que a redução a ar de todos os corpos orgânicos. De fato, o trabalho assim medido pelo tempo, não aparece como o trabalho de indivíduos diferentes, antes os diferentes indivíduos que trabalham aparecem normalmente como simples órgãos do trabalho”<sup>18</sup>.

#### **6. A gênese da abstração real e a gênese do conceito.**

Para que uma mutação possa ocorrer devem estar presentes, segundo Hegel, todos os elementos que constituem sua pré-condição.

Assim, a abstração real do trabalho surgiu de condições específicas do trabalho concreto, em sociedades com certo grau de desenvolvimento, em populações de produção agrária e pastoril, capaz de alguma produção artesanal. Nestas condições viveram muitos povos, sem, porém, chegar ao trabalho abstrato. Faltava-lhes a condição suficiente, que consistia em serem povos constituídos por proprietários independentes, que, de uma forma ou outra, tivessem rompido com formas patrimoniais de produção. A forma de produção do Egito faraônico, por exemplo, era bastante desenvolvida, mas se revolia ao redor das relações pessoais de dependência do Faraó. O trabalho mantinha o travo de uma relação imediata, familiar, com alguém que representava a família, a comunidade, a natureza e deus. A abstração “produzida pela especificidade dos meios e das carências”, como se percebe na análise do conceito simples do trabalho de Hegel, era apenas incoativa, mas não era efetiva e social. O trabalho só se tornou abstrato depois que todas as condições foram postas. Só então vai-se constituir numa nova estrutura de operações, e, conseqüentemente, de novas relações do homem com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo. Criou, ao pôr as condições necessárias e suficientes, uma nova realidade, uma realidade objetiva, universal.

Da mesma forma, o conceito, ou a inteligência do homem não surge senão de pré-condições específicas, e somente quando todas estão presentes. Segundo nossa tese, ela não surge de quaisquer ações ou operações humanas, as quais constituem condições necessárias, porém, não suficientes. A condição necessária e suficiente para a gênese ou pré-história da inteligência, do pensamento como um sistema de operações abstratas e formais, é o trabalho humano abstrato. Ele contém as determinações básicas, mediante as quais o homem pode romper com o imediato dos sentidos e das representações, sempre presas ao mundo da exterioridade do espaço e do tempo.

Vejam rapidamente alguns dos elementos básicos ou das determinações do trabalho abstrato, que fazem dele a pré-condição e a pré-história do pensar. Contém em si uma série de abstrações práticas ou materiais. Em primeiro lugar, ele abstrai ou prescinde do *indivíduo* que produz, pois não importa quem produz. E em segundo lugar, ele prescinde das condições em que ele trabalhou, se como escravo, como operário, se bem intencionado ou não, se para tornar-se rico, poderoso, ou para alimentar seu filho doente. Em terceiro lugar, ele abstrai ou prescinde do indivíduo que vai consumir o produto, bem como da forma como vai consumi-lo. Quarto, ele abstrai da *qualidade ou natureza* do produto. Interessa-se apenas e especificamente por si mesmo enquanto valor. Quinto, no trabalho abstrato está posta a abstração dos carecimentos dos homens, importando apenas a realização ou satisfação de si como valor. Em sexto lugar, nele está presente a abstração do espaço onde se produziu ou produz alguma coisa, bem como, sétimo, está presente a abstração do tempo empírico individual de produção. Produz-se em algum lugar qualquer para ser consumido ou vendido no outro lado do mundo ou nas proximidades, pouco importa. Produz-se hoje, para satisfazer encomendas ou vendas feitas meses ou anos atrás, ou então, para vender depois. O tempo e o espaço efetivamente, materialmente, realmente abstratos, ou melhor, o tempo e o espaço, tornados abstratos em termos práticos, constituindo-se em prática ao mesmo tempo individual e social, são as pré-condições necessárias e suficientes do conceito de número.

Esta concepção supera a concepção do tempo e espaço da intuição sensível de Kant, como sendo as condições a priori da experiência sensível e do número, etc. A insuficiência da teoria kantiana consiste basicamente na pura subjetivação da sensibilidade e do saber. Em segundo lugar, na incapacidade de seguir o movimento dialético do ser em suas contínuas superações e desenvolvimentos. Mas isto aqui supõe outro estudo.

Finalmente, o trabalho abstrato é uma síntese das ações e operações do homem com o mundo e das ações e operações que ele mantém com seus semelhantes: é o resumo de sua vontade objetivada no mundo natural e social; é a expressão posta por excelência de sua vontade, com tudo o que isto implica de construção de estruturas sociais e tecnológicas. Mas a relação causal mais importante, pela qual o homem se põe no mundo, acaba produzindo uma relação de causalidade do mais alto grau no interior dele mesmo.

É uma relação de reciprocidade que se dá, quando a própria causa se passa para o efeito por inteiro sem perder sua identidade de causa como causa de si mesma. Nesta relação, afirma Hegel, a causa chega

ao conceito, ela se interverte em conceito, ela é conceito. Ou seja, é um sistema ou conjunto de ações e operações, que, atuando como causa, se põe por inteiro no efeito, e nele, sem nada perder de si, atua como causa sobre si, desenvolvendo-se. Torna-se, assim, pura ação, pura negatividade, ação viva capaz de retorno sobre si, que a exterioridade do espaço e do tempo da natureza não tem.

Cada uma das afirmações acima é uma tese que eventualmente cabe explicitar e demonstrar com maiores detalhamentos. O que convém assinalar é a força e potencialidade do trabalho humano abstrato como substância social determinante de todos os trabalhos, de todas as formas específicas de trabalho, e da vida dos homens. Ele constitui mundos, civilizações. Porém, acima de tudo, convém lembrar sua imprescindível ação como pré-condição imediata da gênese do conceito e da inteligência do homem. Pondo-se como causa no efeito, ele deixa de ser efeito “material” e, dissolvendo-se, interverte-se em sistema de operações intelectual, capaz de completo retorno sobre si. De um lado, ela se põe nas diversas formas concretas de trabalho e de relações sociais e assim faz a história dos homens. E de outro, ela se interverte no conceito, cuja ação, infinitamente potencializada, também se cristaliza no mundo, não só em forma de cultura, mas de ciência e tecnologia. Pela inteligência o homem está efetivamente em condições de transformar o mundo, adequando-o a seu ser. Ela não é só condição da práxis, mas ela é a práxis, ou não passa das piedosas boas intenções da “bela alma”. Pela tecnologia, bem como pela ciência, materializada nas estruturas sociais e psicológicas, o trabalho manual ou imediato e o trabalho intelectual formam nova unidade, criando condições efetivas, pela primeira vez, de superação da divisão social do trabalho e da emancipação do trabalho escravizador. A tecnologia é a realização plena da abstração do indivíduo como trabalhador, e a posição do homem, finalmente, como sujeito pleno e universal.

#### **7. A inteligência (conceito): resultado e fundamento.**

O conceito, diz Hegel, já no primeiro parágrafo da Lógica Subjetiva ou do Conceito, é um *resultado*, e a Lógica Objetiva “constitui propriamente falando a *exposição genética do conceito*”<sup>19</sup>.

Por conceito devemos entender aqui, além das categorias mentais abstratas, a inteligência e até o homem inteiro como ser pensante. Cada um pode ser pensado em separado como momento do todo, ou tudo isto como unidade global. Na sucessão e na aparência das coisas, ou, dito de outra forma, na sucessão e no aparecimento das coisas, o

conceito é o último termo, é resultado, que em seu *devoir* se faz base e fundamento, novo princípio de ação de si e dos momentos que ele põe. Se o trabalho abstrato é o pressuposto da inteligência, como dissemos, o pensamento abstrato somente pode surgir em sociedades que elaboraram em seu interior um vasto conjunto de operações prático-abstratas. O trabalho abstrato surgiu e se difundiu como tal na sociedade grega, ao aparecer nas trocas que os cidadãos realizavam cada vez mais amplamente em seu interior. Pelo século VIII A.C., tornaram-se produtores independentes, acabando com os senhores dos latifúndios ao mesmo tempo se tornaram comerciantes e piratas do Mediterrâneo. Foi também a primeira sociedade que rompeu com o reino dos signos, da analogia e da poesia, elevando-se ao pensamento abstrato, à construção da geometria e matemática. Instauro o primeiro momento de liberdade frente aos senhores, aos heróis, aos mitos, e os indivíduos começam a falar pela primeira vez em seu próprio nome, a partir do que eles mesmo pensam.

Ao contrário das outras sociedades do médio e longínquo Oriente, que nunca conseguiram desenvolver senão uma proto-matemática e uma proto-ciência, porque sempre baseada nos sentidos, especialmente na mão, no trabalho puramente manual, os gregos dominaram o espaço e o tempo pela geometria e pela matemática sem depender da mão.

O conceito recolhe em si e dissolve em si toda a história natural e social, dado que é resultado de todo o desenvolvimento do ser e da essência, e resultado imediato do trabalho abstrato. Como tal, ele é princípio fundante de si mesmo, põe as suas determinações na forma que lhe é própria e segundo suas próprias leis: na forma de categorias inteiramente abstratas e de acordo com as leis da lógica. Isto significa que não é mero reflexo do mundo e que não repõe o mundo como simples decalque ou como simples fotografia. Pelo contrário, ele rompe com o mundo dado e com as representações do senso comum, e cria novas estruturas do saber, constituindo novos micro-mundos.

À semelhança do trabalho abstrato, que se objetiva ou se externaliza no dinheiro e nas mercadorias, no capital em suas variadíssimas formas — criando mundos —, sendo sempre, ao mesmo tempo, o termo médio entre os carecimentos dos homens e a natureza, o conceito se desdobra como novo termo médio entre os carecimentos dos homens e a natureza.

Como é que ele realiza esta mediação? Desenvolvendo-se nos juízos e nos silogismos, de um lado, e passando para a construção de *sistemas coerentes de proposições*, que são hoje as *teorias científicas* sobre os mais diversos setores do mundo em que vivemos. As teorias

se constituem em outras tantas *construções de mundo, construções de realidade* por cima e além do mundo ambiente e do mundo social pré-existente. Em seu *devir*, — passagem de ser a ser através do nada — elas dissolvem, destróem, suprimem o mundo de vida cotidiano, e também outros micro-mundos ou teorias já construídas anteriormente. A partir dos elementos dissolvidos, formam novas estruturas de acordo com sua própria estrutura interna. Transforma-os em si mesmo, e a partir de si, como de sua própria estrutura, cria novas estruturas coerentes em si mesmas, pondo-as na exterioridade do mundo, mediante a linguagem, igualmente re-criada.

As teorias, por sua vez, são capazes de transformar mais profundamente e mais amplamente o mundo ambiente do que qualquer atividade puramente material. É preciso compreender que estes mundos não se constróem a partir do mundo posto do cotidiano, dos “saberes cotidianos”. Estes não são causa, como a couve não é a causa do coelho. Antes, os mundos criados do saber e da ciência adquirem as mesmas características ou determinações do intelecto, são igualmente coerentes consigo mesmas, são fundamento de si mesmas, e, por isso, determinantes de novas posições ou realidades no mundo através da tecnologia. Criam novos carecimentos e novas capacidades de fruição nem sonhadas por nossos pais e avós.

Já pelo conhecimento matemático, que é puramente formal, essencialmente analítico, e que, por isso, ainda é muito periférico e que morde a natureza apenas na superfície, o homem desenvolve a tecnologia moderna, que, na pós-grande indústria, que Marx estuda nos Grundrisse II, põe o homem em condições de se tornar *sujeito* frente à natureza<sup>20</sup>. Quanto mais, ao criar sistemas de proposições conceituais, teorias que incluem causalidade, etc. — sistemas não só de caráter mecânico, porém mais até, de caráter vital, por assim dizer —, o homem poderá efetivar-se plenamente como sujeito diante de um mundo, que ele já não mais explora irracionalmente — devido até às insuficiências de seus primeiros mundos ainda primitivos criados nos últimos séculos e hoje ainda. Tudo isto ainda sob a forma capitalista de produção, na fase terceira do capitalismo que está se desenrolando ante nossos olhos.

#### 8. Algumas conclusões

Façamos uma pequena reflexão sobre a educação e a escola a partir deste desenvolvimento do trabalho abstrato e do conceito. Se o conceito, se a inteligência surgiu, num processo de *devir*, a partir de um conjunto de operações extremamente abstratas, mas reais na

história dos homens, então devemos precaver-nos de representações ou teorias que apregoam, quiçá em nome de Piaget ou de certo dialogismo, uma série de atividades ou operações puramente sensíveis para o desenvolvimento da inteligência. Ela não surge da pedra, nem de operações quaisquer. Como vimos, é preciso que todas as pré-condições estejam presentes para que ocorra uma mutação, um devir. No mínimo devem estar presentes operações materiais, sim, operações sensíveis, sim, mas que contenham abstrações reais, concretas, para que se opere a auto-construção da inteligência.

Esta conclusão requer um planejamento de atividades não-conceptuais, porém, abstratas. Propostas pastoris ao estilo de Neill<sup>21</sup>, ou de puro treinamento profissional, de atividades manuais, não preencham as mínimas condições para a construção da inteligência. Segundo, *uma vez posta a inteligência*, deve-se poder descobri-la por instrumentos adequados, para daí em diante promover intensamente a capacidade para pensar abstratamente, desta vez por atividades realmente intelectuais. Há cursos universitários que nunca ultrapassam nível das representações meramente sensíveis. O atraso e o mal que profissionais e diplomados cometem contra a sociedade exige sério redirecionamento de seus currículos e de seu corpo docente. Simplesmente porque este nível não dá jamais condições ao indivíduo para se tornar sujeito frente à natureza e à sociedade.

Estamos dizendo com todas as letras que é necessário reformular por inteiro, não só o ensino de primeiro e segundo graus, mas até, e, quiçá principalmente, o ensino universitário.

Pois, terceiro, se o conceito ou a inteligência constrói mundos que se fundamentam em si mesmos e *dissolvem o mundo circundante cotidiano*, é preciso que se deixe de pensar de uma vez por todas na tese de que para ensinar, ou para que o aluno aprenda, deve-se começar pelo mundo circundante — a famosa tese “revolucionária” primeira de um Saviani, — ou teses semelhantes defendidas por aí. Existe uma total ruptura entre o mundo do senso comum ou da vida e os mundos criados pela inteligência. Eles não se apóiam, não se fundam no mundo cotidiano: suprimem-no e o sobressumem. Estes mundos *se entendem a partir somente deles mesmos*, não de alguma dedução lógica ou analógica. Donde se segue, que, para seu correto ensino e apropriação mental deve-se começar a partir deles mesmos. Hoje se insiste muito no significado dos conteúdos, pelos quais se deve iniciar o ensino e a aprendizagem. E este discurso se derrete em lamentos bastante emocionais quando se refere aos educandos provenientes das classes pobres. Analogias proliferam: um corpo combalido não pode aceitar comida forte. Rejeita-a e a vomita,

enfraquecendo-se ainda mais. Mas o fato é de que não se trata de comida ao estilo do mundo dado, mas de algo criado, como um pílula, pois a ciência não se pode comparar a uma feijoada reforçada, mas antes a algo criado, não-natural. O que é totalmente diferente. A significância do novo é mais importante do que a do dado. Lembro que estamos nos referindo aos adolescentes ou pré-adolescentes que já construíram seus sistemas de operações formais, e não de meninos de idades mais tenras, ainda atuando ao nível do imediato e do senível, às crianças.

Depois de plenamente apreendidos e assimilados, pode-se e deve-se partir para o confronto e a comparação com outros mundos ou teorias. O educador precisa propor constantemente tais comparações, porém, não parece ter o direito de exigir do educando tal desempenho. A prática da interdisciplinaridade supõe o domínio dos códigos das diversas disciplinas, e ela jamais pode constituir-se em meras justaposições de idéias ou teorias, e, muito menos, na redução dos diversos saberes numa salada indiferenciada e multicolorida. O exercício da interdisciplinaridade consiste basicamente em transpor uma teoria para o interior de outro contexto, que pode ser, tanto o contexto da vida cotidiana, como o contexto de outras teorias.

A interdisciplinaridade se faz mais pela imersão no outro contexto do que por um confronto da lógica de seus conceitos. Se fosse por esta última forma, que é a que mais mais comumente se entende por interdisciplinaridade, os diferentes saberes acabariam se dissolvendo, ou no senso comum da vida cotidiana, ou numa estrutura única. Isto é, dissolver-se-á fatalmente toda produção científica num único dogma. Os que querem fazer isto, lembram os malfadados partidos nazifascistas e o stalinismo de décadas passadas. Ou a metafísica decadente dos últimos séculos.

A interdisciplinaridade não pode, em termos lógicos, servir para dissolver as diferentes criações científicas, que denominamos micro-mundos criados, mas para melhor avaliá-los e reconhecê-los em seus próprios termos. O processo de se pôr no contexto de outro mundo é o processo necessário de descoberta dos pressupostos, do "não-dito", do "não-pensado", do "*não-posto*" que agora se deve efetivamente pôr, para que realmente se pense e compreenda o que se está fazendo e se passe a atuar como verdadeiro *sujeito*. Inclusive e principalmente diante de suas próprias criaturas. Se me permitem, a *didática deve ser inteiramente intervertida*.

A interdisciplinaridade consiste em processos de deslocamento de uma teoria para dentro de outro mundo, que se move por lógica diferente. Por esse processo se instauram intensos processos de co-

municação, pelo qual o cientista descobre não só os pressupostos de sua disciplina, não só sua potencialidade ainda não explorada, mas também os limites de seu campo. Esta prática, que, além de lhe ensinar a tolerância e a aceitação das diferentes, de criar e de recriar o mundo na construção de segundas-naturezas cada vez mais adequadas ao homem, impulsionam-no para a criação de novos mundos e para novas teorias.

A interdisciplinaridade é essencialmente criativa, disciplinar e comunicativa. Jamais pode ser o mero encarecimento, a mera fusão em uma unidade “logicamente globalizante”, jamais pode ser o leitor de Procusto que a tudo e a todos quer igualar. Se se conceber a interdisciplinaridade como o lugar da unidade ou da unificação ou homogeneização dos saberes, cai-se necessariamente na incapacidade de pensar e de criar. Este é o lugar dos burocratas, do saber que fossiliza o cérebro do aluno. Temos, pois, que *interverter* o conceito de interdisciplinaridade, *transformando-o no princípio da diversidade e do novo*, da capacidade de criação de novas teorias, independentes e superiores às que se põem em “confronto”. É um processo essencialmente de estranhamento, de deslocamento, como, por exemplo, a de colocar-se alguém numa outra cultura. O que significa isso em termos, não mais imanentes de produção de conceitos, mas de administração?

1) Significa que o professor de uma especialidade deve passar um semestre ou mais em outro departamento, ou trabalhar com outro especialista. Só assim crescerá sua capacidade de pensar e de criar, e, portanto, de bem ensinar. 2) Significa, não, evidentemente, a anarquia, mas a abolição radical dos departamentos nas universidades e sua reorganização em termos novos. Supomos, evidentemente, que o professor especializado de fato conheça o seu pequeno mundo por inteiro, do contrário, não tem o que “confrontar”. Isso vale, *a fortiori*, para os alunos. Devem primeiro apropriar-se firmemente de um saber, para então ser capazes de sair de seu mundo firme. Do contrário, só produzirão a geléia tão comum entre os cursos e os seminários ou disciplinas sopão, que nunca tem espinha dorsal. 3) Por isso, devem definitivamente ser abolidas aquelas monstruosidades que são as tais disciplinas integradas, como as de integração social, que mesclam numa salada insossa diversas concepções de história, de geografia, e de moralidade e de política e de educação sexual, e de educação para o trânsito, e de educação ambiental, e por aí afora, formando nada mais do que um amontoado incongruente de informações. 4) Isto significa modificar os processos de ensino a nível de primeiro e segundo graus, partindo-se antes de mundos criados, nunca do senso

comum. O confronto *só é possível depois*. Por outro lado, da parte dos professores, o confronto deve ser sistematicamente apresentado e organizado nas escolas de primeiro e segundo graus. Não se pense em competições de feira de ciências, ou de um grupo de alunos com outros, nada disso. Trata-se de criar as condições para o diálogo construtivo. O professor desloca constantemente sua teoria, levando-o para o mundo cotidiano, traduzindo-o, instigando seus educandos a explicar a teoria para seus irmãos ou amigos, etc.

Voltando ao problema da construção da inteligência conceitual, cabe alertar os educadores, para que nunca deixem de considerar, que, numa sociedade onde entram ativamente em relações de troca, e, nos segmentos mais pobres, em relações de trabalho, as crianças experimentam efetivamente as pré-condições do surgimento da inteligência em termos reais e efetivos e também universais. Desenvolvê-la com os instrumentos mais modernos possíveis, não mediante a miserabilidade de sucata levada para dentro da escola, é o que a adequação da inteligência para com sua natureza exige do educador, para que se torne plena: e o homem se torne sujeito universal e livre.

Finalmente, se o desenvolvimento tecnológico, posto pelo trabalho abstrato, ele mesmo trabalho abstrato cristalizado, põe a exigência de uma adequação da parte do homem num patamar mais avançado da produção e da civilização, esta só pode consistir no domínio do saber abstrato e universal em ato. Quero dizer que este saber não pode ser apenas passivamente assimilado, mas apreendido construtivamente com seus educadores, para logo mais adiante ser imediatamente posta em tecnologias novas ainda mais avançadas. Assim estarão em condições de construir intensamente e de modo criativo a sociedade do não-trabalho ou seja do trabalho intelectual plenamente efetivado. O Brasil e seus filhos não nasceram para ser medíocres.

#### Notas

- 1 HEGEL, G. W. F. *Propedêutica Filosófica*. Trad. de Artur Mourão. Rio de Janeiro, Edições 70, 1989, p. 70.
- 2 ARROYO, M. G. O trabalho ou a resistência ao trabalho. *Teoria e Educação*, N. 1, Porto Alegre, Palmarinca, p. 39.
- 3 NOSELLA, Paolo. Trabalho e Educação. In: Minayo, Carlos et alii. *Trabalho e Conhecimento: Dilemas na educação do trabalhador*. S.Paulo, Cortez Editora, 1987, 37. [[Na página 38, o Autor diz: "a contemporaneidade parece conferir à escola fundamentalmente a função de debater a ciência da história"... "Não resta dúvida que a nova forma proposta pela classe trabalhadora de um trabalho criativo, político, concreto, solidário, demanda, a nível educacional, pedagogias criativas, não-autoritárias e concretas" (38-39). A "tecnologia começou a se desenvolver pela necessidade de enfrentar as exigências dos trabalhadores"

e..."após a Segunda Guerra Mundial a ciência e a tecnologia radicalizaram esta contradição se desenvolvendo mais direta e violentamente para simplesmente reprimir e liquidar os próprios trabalhadores" ...]].

- 4 ARROYO, M. G.. *Idem*, p.38.
- 5 HEGEL, G. W. F.. *Filosofia do Direito*. Lisboa, Guimarães Editora, 1992, par. 196, p. 187. *Idem*. *A Sociedade Civil Burguesa* Lisboa, Editorial Estampa, 1979, p. 82.
- 6 MARX, K. *O Capital*. V.L., Rio de Janeiro, DIFEL, 1982, cap. V., p. 201-208.
- 7 MARX, Karl. *Grundrisse der Kritik der Politischen Oekonomie (Rohentwurf), 1857-1858*. Berlin, Dietz Verlag. *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política. (Borrador), 1857-1858*. 2. Trad. de Pedro Scarón. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1972, p. 395.
- 8 HEGEL, G. W. F. *A Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis, Vozes, 1992, par. 190, p. 130.
- 9 HEGEL, G. W. F. *A Sociedade Civil Burguesa*. Lisboa, Editorial Estampa, 1979, p. 82. *Idem*. *Princípios da Filosofia do Direito*. Lisboa, Guimarães Editora, par. 196, p. 187.
- 10 ———. *Filosofia do Direito*. par. 198, p. 188.
- 11 MARX, K. *O Capital*. L.IV.I, Rio de Janeiro, DIFEL, 1982, p. 55.
- 12 ———. *Ibidem*, p. 45.
- 13 ———. *Ibidem*, p. 43-44.
- 14 ———. *Ibidem*, p. 45.
- . *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Lisboa, Martins Fontes, 1977, p. 34.
- 15 ———. *Idem*, p. 33 e *O Capital*, p. 45, p. 50, etc.
- 16 HEGEL, G. W. F. *Science de la Logique Premier Tome-Deuxième Livre: La Doctrine de L Essence*. Trad. Apresentação e notas de P.J. Labarrière e Gwendoline Jarczyk, Paris, Aubier, 1976, p. 270.
- 17 MARX, K., *Borrador*, 1, p. 84-93.
- 18 ———. *Contribuição...*, p. 34.
- 19 HEGEL, G. W. F., *Idem*, *Deuxième Tome: La Logique Subjective ou La Doctrine du Concept*, p. 36.
- 20 MARX, K., *Borrador*, 2, p. 236.
- 21 NEILL, A. S., *Corazones, no sólo cabezas en la escuela*. México, Ed. Mexico Unidos, 1975.